



Papel do jornalismo brasileiro na perspectiva do estado democrático de direito: do ensino ao exercício profissional

QUAL A FREQUÊNCIA DO CONCEITO DE DECOLONIALIDADE NA FORMAÇÃO EM JORNALISMO NOS ENCONTROS DA ENEJOR E NA REVISTA REBEJ?

Antonia Alves PEREIRA¹

(Universidade do Estado de Mato Grosso / UNEMAT)

Sonia Virgínia MOREIRA²

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ)

INTRODUÇÃO

Esta apresentação analisa o conjunto de 22 artigos selecionados nos anais dos últimos cinco encontros (2018-2022) da Associação de Ensino de Jornalismo (Enejor e Rejeb) que tratam de temas voltados para questões interculturais, decoloniais, contra hegemônicas/de resistência e emancipação social/política. Discute a formação em jornalismo com foco no exercício da cidadania e na emancipação social como recurso de revitalização da função social do jornalismo no contexto das diretrizes extensionistas (BRASIL, 2018) e curriculares (BRASIL, 2013). Argumenta que a prática decolonial é uma vertente latino-americana que ganhou espaço na academia e usa a análise documental (MOREIRA, 2017) como recurso metodológico na seleção do corpus (BAUER; AARTS, 2003). O texto tem por objetivo responder à seguinte pergunta: qual a frequência do conceito decolonial nas publicações da Abej? Se sim, em que condições e menções se dá o exercício da cidadania e da emancipação social? Os resultados apresentam pistas da visão decolonial para a potência da prática jornalística e da pedagogia do jornalismo combinada com a educomunicação, esta uma epistemologia do sul. Sinaliza, ainda, para

¹ Mestra em Comunicação (ECA-USP) e doutoranda em Comunicação (Uerj), professora do Curso de Jornalismo na Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra-MT, antoniaalves@unemat.br.

² Doutora em Comunicação (ECA-USP), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, soniavm@gmail.com.



Papel do jornalismo brasileiro na perspectiva do estado democrático de direito: do ensino ao exercício profissional

a materialização da educomunicação socioambiental (BRASIL, 2005) capaz de transformar de territórios vulneráveis em territórios educativos.

PRÁTICAS JORNALÍSTICAS EM TRANSFORMAÇÃO

A discussão integra pesquisa de doutorado em andamento que observa, entre outros pontos, as práticas pedagógico-comunicacionais dos cursos de jornalismo no território brasileiro, aliando a dialogia freireana e as estratégias da educomunicação socioambiental (PEREIRA; MOREIRA, 2021). Considera que na América Latina várias políticas nacionais de extensão respondem a demandas e conquistas comunicativas verificadas na academia a partir dos anos 1970. Boaventura de Sousa Santos (2002) está à frente das discussões das epistemologias do sul, onde muitos saberes foram negados pelo poder colonial. Para Rosa (2020), a emancipação sociopolítica e a apropriação dos saberes pelos cidadãos estão no centro da educomunicação, o que faz do campo uma epistemologia do Sul. O paradigma funda-se na educação como prática de liberdade (Paulo Freire, XXXX), que conduz os sujeitos à transformação do mundo no seu entorno. Essa perspectiva está vinculada ao território, em especial ao território usado como lugar de apropriação técnica e sensorial pelos sujeitos (Milton Santos, XXXX). Na educomunicação, os sujeitos se apropriam da mídia e das técnicas de produção que permitem construir narrativas midiático-informativas e resulta na transformação de territórios vulneráveis em territórios educativos. Os cursos de jornalismo se apresentam, assim, como agentes de transformação ao atuarem localmente “com” as pessoas e não na transferência “para” os habitantes de um lugar. Além das epistemologias do sul, o referencial teórico discute a interculturalidade (WALSH, 2007; 2017; MARTIN-BARBERO, 2014); a emancipação social (OLIVEIRA, 2017); a comunicação dialógica (FREIRE, 1983; 2000; KAPLUN, 2014); e a pedagogia do jornalismo (MEDITSCH; AYRES; GOBBI; BARCELOS, 2017; MEDITSCH; KROUNBAUER; BEZERRA, 2020). Aproxima essa vertente da pedagogia às pedagogias das ausências e das emergências (GOMES, 2007) em alusão às sociologias discutidas por Sousa Santos (2002). Os títulos, palavras-chaves e resumos dos textos selecionados estão distribuídos em cinco categorias: cotidiano, cidadania, jornalismo, interculturalidade e pedagogia do



Papel do jornalismo brasileiro na perspectiva do estado democrático de direito: do ensino ao exercício profissional

jornalismo. Da sala de aula ao território físico e educativo, elas delineiam a práxis formativa como força transformadora ao apontarem o interesse pela resistência democrática e pela democracia participativa focada nos saberes de minorias e suas respectivas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida permite responder à pergunta do título: a perspectiva decolonial está presente nos cursos de jornalismo como ação de emancipação cultural e de cidadania, perspectivas presentes nas diretrizes curriculares e extensionistas. As publicações analisadas evidenciam que a pedagogia do jornalismo se faz na prática profissional e no processo de ensino-aprendizagem ao acionarem repertórios jornalístico, pedagógico e cidadão dos sujeitos em formação e em colaboração nos territórios educativos dos cursos. A educomunicação como epistemologia do sul pode agregar valor à experiência de territórios educativos críticos da mídia hegemônica, aguçando a percepção de outros espaços e saberes anteriormente negados, mas que podem ser incluídos no exercício do jornalismo emancipatório mesmo na mídia convencional. A interrelação entre pedagogia do jornalismo, educomunicação e jornalismo emancipatório é inovadora para a prática jornalística e de formação.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A Construção do Corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis, Vozes, 2003.
- BRASIL – Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA**. 3ª ed. Brasília: MMA, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- FREIRE, 1983; **Extensão ou comunicação?** Trad. OLIVEIRA, Rosisca Darcy de. 7ª ed. (Coleção O Mundo Hoje, v. 24). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.



Papel do jornalismo brasileiro na perspectiva do estado democrático de direito: do ensino ao exercício profissional

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

KAPLUN, Mario. Uma pedagogia da comunicação. in: APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014, pp. 59-78. 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDITSCH, Eduardo; AYRES, Melina de la Barrera; GOBBI, Juliana Betti; BARCELOS, Marcelo. (Orgs.). **O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes: miradas sobre projetos em implantação**. Florianópolis: Insular, 2018.

MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana Freire. (Orgs.). **Pedagogia do Jornalismo: desafios, experiências e inovações**. Florianópolis: Insular, 2018.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Appris, 2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramon. (ed.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 115-142.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales**. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir. Tomo II. Quito: Abya-Yala, 2017.